

Defendendo a estrada e as populações

● Entrevista com Comandante Paulo Justino

Paulo Justino de Castro é o comandante das forças estacionadas ao longo da estrada de que se fala no texto anterior. Tem uma forma de falar exacta: não diz mais nem menos do que pretende dizer. Não gasta palavras. Por isso a entrevista com ele foi breve mas elucidativa.

Nos anos de 1980, 1981 e 1982 esta zona foi afectada pelos bandos armados.

Em Dezembro de 1982 organizou-se esta força e em Março de 1983 foi encarregada de actuar nesta faixa. Vim estacionar com a minha unidade nesta zona de Chiputo. Mais tarde recebemos orientações do Comando Militar Provincial de Sofala de atacar um dos agrupamentos que se encontrava a oriente desta faixa, agrupamento esse que desestabilizava a Estrada Nacional n.º 1 e desestabilizava também as populações.

Esta missão foi cumprida vitoriosamente. Depois começámos a organizar as populações. Mais tarde fomos atacar outro agrupamento que se encontrava mais ao sul deste ponto num acampamento chamado Macolocodje. Esta missão cumpriu-se. Tivemos sucesso, destruímos esse agrupamento e de novo regressámos para este ponto. E mais tarde recebemos de novo orientações do Comando Militar Provincial de que devíamos

concentrar-nos no Révuê para atacarmos aquilo que os bandidos chamavam de sua «base central» para esta zona. Era a base de Culudja. Fez-se esse trabalho e conseguimos desbaratar a dita «base central» e assim restabeleceu-se a

paz neste troço da Estrada Nacional n.º 1, a partir do Inchope até ao rio Buzi.

Esta é a situação geral.

PERGUNTA — Como se caracterizava a actuação do inimigo na Estrada Nacional n.º 1?

RESPOSTA — Caracterizava-se de muitas formas. A missão dos bandidos não era só a de atacar e queimar as viaturas. Também intimidavam as populações para não se aproximarem de nós.

P — Nesta região não se notam pequenos focos dos bandidos?



Paulo Justino de Castro, comandante das forças estacionadas na dita base central de Culudja

R — Há pequenos focos de bandidos mas muito além.

P — Uma das vossas missões é a defesa da linha de energia eléctrica que abastece a cidade da Beira. Qual é a situação neste momento em relação à acção do inimigo?

R — Desde que recebemos essa tarefa de garantir os fios de alta tensão a actuação do inimigo não é lá tão intensa dado que as nossas tropas têm efectuado o patrulhamento ao longo da linha e logo que detectam um pequeno agrupamento tomamos as medidas de destruição.

P — Concretamente houve algum ataque às linhas nos últimos dias, ou nas últimas semanas ou nos últimos meses?

R — Nos últimos dias houve um ataque mas na zona de Nhamatanda que não é da nossa responsabilidade.

P — Dentro da área da vossa responsabilidade há quanto tempo não se verificam ataques à linha de alta tensão?

R — Já vão aproximadamente uns quatro meses.

P — Como é que se processa o tráfego pela estrada do Inchope até aqui?

R — O tráfego começou a normalizar desde Março quando nos envolvemos nos combates. Desde aí a situação acalmou. Há pequenos grupos que continuamente desbaratamos e que por isso já se encontram muito distantes daqui.

P — Como é que se chama este ponto em que estamos?

R — Aqui chama-se Chiputo-Comercial.

P — Há muita população?

R — Temos muitas populações



Jovens do exército em Chiputo-Comercial

Beira, Estrada no.1
towards bridge over Révuê river,
especially between Inchope and Buzi



Em cima: Com uma viola de fava, localmente fabricada, e com uma habilidade de quem não parece ter aprendido a tocar viola pelas mãos, este jovem militar, em tempo de descanso, diverte os seus colegas. Um moral alto nas FPLM



«Quando não havia acções militares aqui, os bandidos tinham-se apoderado das populações»

recuperar. Quando não havia as nossas acções militares aqui os bandidos tinham-se apoderado dessas populações. As populações estavam todas no interior. Durante as acções que desenvolvemos pudemos de novo recuperar as populações e neste momento ganharam consciência. Algumas vêm-se entregar sozinhas. Quando as nossas patrulhas saem para o interior têm-nas encontrado aglomeradas nas florestas. Não fogem das nossas forças. Essas casas todas são recém-construídas.

P — O ritmo da entrega das populações é de uma vez por semana, duas vezes por semana...

R — Várias vezes por semana.

P — Têm havido tentativas do inimigo de reconquistar esta zona?

R — Não têm havido. No princípio quando desbaratámos o agrupamento principal de Macolodje houve essas tentativas. Mas enfrentámos essa situação.

P — Nos combates têm encontrado provas da presença sul-africana?

R — Temos encontrado porque encontrámos lá material com inscrições sul-africanas.

P — Essa base de Guludja em que aspecto é que era uma «base central»?

R — Era «base central» dos bandos armados nesta região central na província de Sofala. Dirigia as acções desses agrupamentos para o oriente, ocidente, norte e sul desta faixa.

P — Como era o sistema de reabastecimento dos bandidos?

R — Era sempre de aviões e helicópteros, à noite. □